

Imagem e ensino: possíveis diálogos na contemporaneidade

Josie Agatha Parrilha da Silva

Marcos Cesar Danhoni Neves

15

O número *Imagem e ensino: possíveis diálogos* reúne pensamentos e discussões acerca desse tema. Vivenciamos, em nossa contemporaneidade, um mundo repleto de imagens e, a cada dia, suas elaborações virtuais entranham-se no cotidiano humano em suas complexas relações de comunicação e compreensões verbo-visuais.

Bredekamp (2015) afirmou que o século 20 foi chamado de *o século das imagens*. Ao entrarmos no século 21, a profundidade desse entendimento se torna ainda mais aguda, levando-nos, inexoravelmente, à pergunta derradeira: o que poderemos dizer sobre o nosso século em relação às imagens? Arriscamos dizer que adentramos numa era na qual nos dedicaremos a estudar e a tentar compreender ainda mais o uso da imagem (sua natureza, sua semiótica, sua inter e transdisciplinaridade etc.), bem como suas infinitas possibilidades nas mais diversas áreas do conhecimento, com destaque para o ensino. No Brasil, essa área possui uma caminhada que remonta a mais de 40 anos, estando alicerçada na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), como uma área de conhecimento com mais de uma centena de programas de pós-graduação, em níveis de mestrado e doutorado, distribuídos por todo o País.

Em se tratando de imagens, reportamo-nos a uma discussão entre os filósofos Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384-324 a.C.). Para Platão, a realidade estava nas ideias; o mundo visível seria imagem, reflexo. De acordo com o filósofo, a imagem seria a aparência de algo invisível, sem realidade concreta e poderia enganar nossos sentidos. Por outro lado, Aristóteles considerava a imagem como uma aquisição dos

sentidos, a representação mental de um objeto/realidade. Para Aristóteles, os sentidos eram instrumentos de experiência e conhecimento do real: a semelhança das imagens com a realidade era válida por instruir e ensinar, e teria a capacidade de propiciar prazer ao espectador (Aristóteles, 1993). Enquanto Platão explicava que a imagem poderia enganar nossos sentidos, Aristóteles reforçava a importância dela para ensinar. Por essa razão, provavelmente tenha feito um trabalho tão monumental em relação à zoologia, descrevendo pormenorizadamente a anatomia dos animais, num processo ímpar para os padrões da época, a grande Grécia da Antiguidade Clássica. Séculos nos separam desses filósofos, mas essa discussão continua absolutamente presente. A imagem pode contribuir para o ensino? Como possibilitar que ela contribua? Enfim, como se dá esse processo entre imagem e ensino?

Mais do que em qualquer outro período histórico, a imagem é parte integrante de nosso cotidiano, em especial, porque estamos imersos num mundo repleto de imagens virtuais. A partir dessa infinidade de novas possibilidades imagéticas, ampliam-se os estudos e as teorias sobre as imagens. Mas será que esses estudos estão sendo utilizados e disponibilizados no ensino?

A escola dedica-se ao desenvolvimento das habilidades necessárias para o aprendizado da leitura e da escrita, porém, raramente, observamos a preocupação com a alfabetização visual. Uma das poucas áreas que trabalha essa capacidade é a arte, e, geralmente, com foco em leitura de obras artísticas. Vivenciamos, assim, uma contradição: em uma época com tantas informações visuais, continuamos a ensinar e aprender apenas a linguagem verbal. Com base nesse contexto, entendemos ser importante ampliarmos espaços com discussões e pesquisas que apresentem possibilidades de leitura e alfabetização visual.

Como já pontuado, a área de arte – em especial, a de artes visuais –, preocupe-se em desenvolver estudos sobre leitura e alfabetização visual. Destacamos um trecho de um dos trabalhos de Donis A. Dondis (2007, p. 231), que escreveu inúmeros artigos e livros devotados à visualidade: “[...] a inteligência visual aumenta o efeito da inteligência humana, amplia o espírito criativo. Não se trata apenas de uma necessidade, mas, felizmente, de uma promessa de enriquecimento humano para o futuro”. Compartilhamos esse entendimento e acreditamos que a área de artes visuais pode colaborar com as demais áreas de conhecimento no sentido de ampliar discussões e referenciais teóricos que possibilitem estudos verbo-visuais. Uma alfabetização com essa preocupação pode contribuir para a construção de novos conhecimentos em diferentes áreas.

No grupo de pesquisa “Interart: Interação entre Arte, Ciência e Educação: Diálogos e Interfaces nas Artes Visuais”, desenvolvemos, entre outros estudos, alguns destinados diretamente ao universo imagético. Nossos discentes e docentes realizam leituras de imagens que podem ser utilizadas em diferentes áreas de conhecimento, numa trama inter e transdisciplinar capaz de romper as “bolhas” positivistas que encarceram não somente o próprio conhecimento, mas – e sobretudo –, o ato de conhecer.

A partir do exposto, a proposta deste número é a de apresentar estudos e pesquisas de diferentes áreas do conhecimento sobre a imagem e sua relação com

o processo ensino-aprendizagem. Tais estudos apresentarão uma perspectiva fortemente interdisciplinar, envolvendo as relações entre as áreas de arte e de ciência, com foco no questionamento sobre a relação da imagem com o ensino. O mundo apresenta-se muito visual e nos deparamos com um problema vivenciado na sociedade e na educação: o conhecimento científico disciplinar é dividido de tal forma que o professor deixa de discernir o todo, mergulhando em sua especialidade, estilizando a compreensão daquilo que poderia ser um *fenômeno*. O fragmento toma lugar do todo: disciplinariza, uniformiza, segrega. Uma educação imagética pode desempenhar um papel muito relevante nessa situação de caos educacional e científico, uma vez que agrega valores tanto das ciências quanto das artes, numa relação já comprovada no Renascimento e na Revolução Científica.

As discussões apresentadas neste número iniciam-se na seção *Enfoque*, com o artigo "Leitura de imagens como possibilidade de aproximação entre arte e ciência", de Josie Agatha Parrilha da Silva e Marcos Cesar Danhoni Neves. Apresenta uma proposta de Leitura de Imagem Interdisciplinar (LI²), desenvolvida a partir de estudos teórico-práticos com referenciais como Santaella (2012), Panofsky (2007) e Bredekamp (2015). A LI² busca contribuir para a análise visual/conceitual no contexto educacional e pode ser utilizada para análises imagéticas de diferentes áreas de conhecimento.

A seção *Pontos de Vista* reúne nove pesquisas (oito nacionais e uma internacional) com diferentes abordagens sobre o tema imagem.

Na primeira pesquisa, "Arca de Noé: o conhecimento sobre os animais em imagens", Maria Helena Roxo Beltran e Fabiana Dias Klautau discutem a presença de relações de continuidade e ruptura no papel atribuído às imagens de animais nos primeiros livros impressos e em livros didáticos atuais. Destaca-se o papel da imagem como forma de registro e circulação de conhecimentos sobre a natureza e as artes.

A segunda pesquisa, "A experiência sinóptica: um instrumento óptico para criar efeitos tridimensionais em obras de arte", de Maarten Wijntjes, descreve a elaboração, construção e uso de um instrumento óptico denominado sinóptero, que permite a visualização tridimensional nas visitas a museus, potencializando a percepção das obras de arte.

A terceira pesquisa, "Imagens artísticas nos livros didáticos e seu potencial transdisciplinar no ensino", de Felipe do Espírito Santo Silva-Pires, Anna Cristina Calçada Carvalho, Paulo Roberto Vasconcellos-Silva e Valéria Trajano, discute a possibilidade de promover a transdisciplinaridade por meio de representações artísticas presentes em algumas imagens nos livros didáticos. Isso porque, segundo os autores, as imagens podem simplificar conceitos, facilitar o entendimento do conteúdo, otimizar processos de construção e reconstrução de significados e influenciar na criatividade.

O quarto texto é o relato da pesquisa "Uso e produção de imagens em oficinas de CienciArte com Ecologia de Saberes para a promoção da saúde", de Luciana Ribeiro Garzoni, Rita de Cássia Machado da Rocha, Roberto Todor e Tania Araujo-Jorge. Com a orientação de facilitadores, os participantes exploraram imagens com níveis diversos de concretude ou abstração, empregando-as na elaboração coletiva de estratégias de promoção da saúde e de controle do *Aedes aegypti* e das doenças virais que ele transmite em locais de vulnerabilidade ambiental na área urbana.

A quinta pesquisa deu origem ao artigo “Transparência *versus* opacidade na educação em ciências: as imagens na física de partículas elementares”, de Henrique César da Silva e Jonathan Thomas de Jesus Neto, que buscam opor analiticamente a imagem como opacidade à imagem como transparência (efeito de evidência e de relação unívoca e inequívoca), dando visibilidade a um conjunto de aspectos de suas condições de produção. Ela é tomada como materialidade inscrita numa história, participante de efeitos de sentidos e não como suporte de conteúdos. Assim, a imagem não aparece como representação, mas como objeto construído.

O artigo “Nosso vizinho, o apocalipse: mídia e educação ambiental em tempos de (in)cons/ciência”, de Lêda Valéria Alves da Silva e Sílvia Nogueira Chaves, sexta pesquisa apresentada, problematiza os enunciados presentes na mídia ambiental (documentários) que produzem modos de ver e pensar o ambiente de forma a desenvolver uma consciência “ecológica”. Esses enunciados operam como um potente governo do corpo da população, assumindo para si a responsabilidade de guiar o “rebanho” rumo à redenção/salvação do planeta.

A sétima pesquisa traz uma reflexão sobre “Percepção e recepção da imagem no cinema clássico hollywoodiano”, apresentada com base em três filmes: *Terra dos deuses* (The good earth – 1937), de Sidney Franklin; *Como era verde meu vale* (How green was my valley – 1941), de John Ford; e *Rastros de ódio* (The searchers – 1956), de John Ford. Para a análise da imagem fílmica, utilizaram-se fundamentos da semiótica e da estética.

A oitava pesquisa, “Imagens em livros didáticos de física: características de seres humanos em fotografias”, de Sheila Cristina Ribeiro Rego, constata que a mais frequente representação é de homens adultos brancos. Não há adolescentes nem indígenas e, em relação às raças brasileiras, não se registram características locais e regionais. As mulheres também não aparecem nas representações imagéticas do ensino de física. Estudos destinados à análise de imagens lidas e construídas no cotidiano escolar podem ajudar a refletir sobre as ideias que estudantes e professores apresentam sobre a produção de conhecimento científico e as suas relações com a sociedade.

O último artigo, “‘Um bando chamado desejo’: imagens de corpos, gêneros e sexualidades por professores/as de ciências em formação inicial”, de Evanilson Gurgel e Marlécio Maknamara, apresenta uma pesquisa (auto)biográfica realizada com três professores/as de ciências (em formação inicial) sobre as imagens que eles/as possuem sobre corpos, gêneros e sexualidades. A imagem é entendida pelos autores como aquilo que é visível, enunciável e dizível por um discurso.

Na Seção *Espaço Aberto*, Luzita Erichsen e Josie Agatha Parrilha da Silva apresentam uma instigante entrevista com a pesquisadora Maria Lucia Santaella Braga, pioneira nas pesquisas sobre semiótica no Brasil, em especial, sobre o pensamento de Charles Peirce. A entrevistada publicou vários estudos relativos à imagem.

Na seção *Resenhas*, a análise do livro de Horst Bredekamp, *Teoria do acto icónico* (*Theorie des Bildakts*), publicado em 2007 e com a primeira tradução em língua portuguesa em 2015. Os autores da resenha, Donizeti Pessi e Ingrid Gayer Pessi, buscam dar publicidade a essa importante obra de um dos principais

historiadores da arte da Alemanha e membro de um grupo interdisciplinar, na Universidade Humboldt, em Berlim.

Na seção final, *Bibliografia Comentada*, Gustavo Cunha de Araújo apresenta indicações de leituras sobre ciência e imagem em diferentes áreas.

Desenvolver discussões interdisciplinares, em especial pela aproximação entre arte e ciência, não é algo recente. De forma geral, este tema é abordado no Brasil desde a década de 1960. No entanto, até hoje procuramos caminhos para desenvolver a interdisciplinaridade, porque vivenciamos um mundo e um sistema escolar excessivamente disciplinarizado, fragmentário, especializado e pouco conectivo.

A leitura de imagem no ensino de ciências é, em muitos casos, uma atividade excessivamente subalterna, sofrendo dos primarismos de uma padronização que não sustenta a presença da própria imagem em textos. Refletir sobre o valor da imagem e sua íntima relação textual e documental é fator preponderante para que a interdisciplinaridade, de fato, ocorra no ensino das ciências. Galileo Galilei e, antes dele, Leonardo da Vinci, demonstraram em seus trabalhos seminais que sem imagem não há visões de mundo e, sem visões de mundo, a própria ciência não se edifica.

Pretendemos, então, proporcionar um espaço dialógico para professores em torno de ações educativas em ciências que envolvam uma abordagem interdisciplinar num fazer pedagógico, o qual, por sua vez, seja baseado num olhar sistêmico e imagético. Seus desdobramentos devem fundamentar-se na construção de conhecimentos e ações efetivas para que sejam integradas no cotidiano escolar.

Josie Agatha Parrilha Silva
Marcos Cesar Danhoni Neves
Organizadores

19

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Arns Poética, 1993. (Coleção Ensaios).

BREDEKAMP, H. *Teoria do Acto Icônico*. Trad. Artur Morão. Lisboa: KKYM, 2015.

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jeferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.